



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel  
[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)  
[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **ECONOMIA DO BOATO**

**Marcos Roberto Inhauser**

Quero crer que seja por conta do meu analfabetismo na área, porque nunca estudei com seriedade esta língua quase universal que é o economês. Confesso que quando estes iluminados economistas falam, não os entendo.

Há algumas coisas deste mundo que não consigo entender e que me tem dado nó nos poucos neurônios que tenho (e que parece estão diminuindo à medida que a idade cresce).

Um deles é a tal da Bolsa de Valores. Já tentaram me explicar, mas não adiantou. Consigo entender que quando uma empresa precisa de capital, ela se transforma em sociedade anônima e vende ações na Bolsa, para captar recursos. Os que investem nestas ações o fazem não por filantropia, mas porque querem ter vantagem sobre o dinheiro aplicado. Consigo entender também que um investidor sério e consciente, antes de colocar seu dinheiro nesta ou naquela empresa, faça uma avaliação para saber se ela poderá lhe dar dividendos razoáveis para o investimento que fará.

São avaliações técnicas, baseadas em balanços, resultados, análises retrospectivas e prospectivas, obedecendo certos critérios que a ciência econômica fornece.

Mas há algumas coisas difíceis de entender. Uma delas é que o capital que gira na Bolsa não é real. É dinheiro de papel, virtual. Só existe na imaginação. Quando se compra e vende ações, não há necessariamente dinheiro em espécie circulando. É papel. Tenho um amigo que investiu mais de um milhão de dólares na Bolsa. Vivia eufórico porque havia “lucrado” quase o dobro deste dinheiro em pouco mais de um ano. Só que, outro dia me ligou. Estava deprimido porque, em um só dia, havia “perdido” trezentos mil com a queda na NASDAQ. Conversa vai, conversa vem, percebi que ele tinha hipoteticamente ganho o que achava que tinha ganho e que, do dinheiro que ele achava que tinha ganho, havia perdido o que perdeu. Ele nunca viu este dinheiro, nem o que diz que ganhou, nem o que diz que perdeu. Era tudo virtual. Eram ganho e perda hipotéticos.

Outra coisa que não entra na minha cabeça é como podem as Bolsas do mundo se basear em boatos, suposições, insinuações, “talvez”, “quicá” para subir ou descer. Um ministro de economia de um país mais ou menos influente dá uma tossida, a Bolsa sobe ou desce. Um jornal noticia que “talvez” os lucros da companhia X não sejam os que se esperavam, e lá vai a Bolsa ladeira abaixo. Aí um outro diz que a companhia tal, de tal lugar pode dar lucros mais altos que o esperado, e lá vai o índice para cima.

Não é à toa que se suspeita que nos casos dos Bancos FonteCindam e Marka, havia gente de dentro do Banco Central vendendo informações privilegiadas. Se as altas e baixas estão em grande medida determinadas pelas informações privilegiadas que um grupo seleto de gente tem, percebe-se que o campo é vasto e propício para a corrupção. Mais que isto, os meios de comunicação podem ser elementos chaves na fabricação de notícias que visem a fazer subir ou baixar esta ou aquela ação, de acordo com os interesses deste ou daquele investidor. O boato é o coração da economia. Não é para menos que vivem errando em seus prognósticos. Se é verdade que no fim dos tempos todas as línguas louvarão a Deus, tenho minhas dúvidas de que o economês estará incluída. É uma língua de morte e não de vida.